



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

30-09-2008

O QUE VOCÊ VÊ DA JANELA

Janela é uma porta que se protege. Observa o mundo da cintura pra cima. A janela não vai atrás, espera; não se suja de poeira, vê o redemoinho passar; não se molha na chuva, mas admira o atrevimento de quem se lança da porta pra fora. A janela observa, a porta participa. A janela se

delicia com os acontecimentos como um admirador de obras de arte.

Dependendo da janela, ela oferece uma surpresa a quem dela se aproxima, um clarão aos olhos, um respiradouro na vida insana. Nesse caso, a timidez não é pecado. A janela é o lugar, dela se vê o que não se vê de outro ângulo.

Se a janela for de Brasília, então, pode ser que ela se abra para uma obra de arte. São milhares as Brasília que se descortinam nas janelas do Plano Piloto. E cada uma apresenta o urbanismo de Lucio Costa e a arquitetura de Oscar Niemeyer de um jeito diferente, sob um ângulo nunca visto. Nunca estive na janela do gabinete

do Presidente da República nem do presidente do STJ, mas imagino que a Brasília que eles vêm se reduza à Praça dos Três Poderes. Sorry, presidentes. Há outras lindas Brasília, de outras janelas menos poderosas.

Belas Brasília surgem das janelas da sede da Caixa Econômica Federal e do Banco Central. A Esplanada para uns, o Eixão e as superquadras para outros. A luminosidade despudorada deste pedaço de mundo transforma as janelas do Plano Piloto em cenários fulgurantes da inacreditável cidade. Quantos de nós já chëgou num escritório qualquer, num consultório médico, numa repartição de quinto escalão, e foi tomado pela paisagem

que avança pela janela e nos avisa: "Êi, veja que cidade majestosa você habita!", ou em caso de certa antipatia por Brasília, coisa que não é rara, um aviso do tipo: "Veja que dia lindo, que céu retumbante!"

E à noite? Ah, à noite as janelas, portas, varandas e vidraças abrem-se para um festival de luzes caprichosamente alinhadas, como se um menino-deus estivesse brincando de fazer desenhos modernistas com as estrelas.

À noite, o Eixão é mais Eixão, a Catedral é mais Catedral, o painel do Conjunto Nacional acorda do dia que pra ele é noite. À noite, o Palácio da Alvorada brilha na escuridão, cristal

branco sobre fundo negro. A Ponte JK, com seu jeitão de querer dominar o pedaço, é um susto aos olhos. Um belo susto.

Mas tem um lugar onde Brasília é reluzente e colorida à noite. Ela roda, gira, bate, escorrega, sobe e desce, dá cambalhota e grita de medo, come churros e algodão-doce. É a Brasília da Nicolândia. As cores das luzes do parque de diversões mais antigo e famoso da cidade são por si só encantamento de criança. O carrossel com seus cavalos de reis e rainhas, seus pôneis fartamente enfeitados, suas carruagens de Cinderela, tudo é muito bonito na escuridão do Parque da Cidade.